

Fortaleza, 20. jan. 1992

Caro Edgardo:

Hermila Franco Ramo

Florinda e Francisco, avós maternos de ml/mãe, faleceram em Barroica - Pi., e Fernando, seu tio, faleceu na cidade de "Carias Olímpio - Piauí.

— " —

Aqui estamos mamãe e eu. Com "flashes" e retalhos que dizem qualquer coisa de sua vida.

Junto, seguem xerox e uma foto para você dar uma olhada, quando o tempo permitir. Falar dela, daria um bonito livro. Se me fosse da- do, não tenha dúvida, o faria. Ela é o entusiasmo dos filhos, a admiração dos netos, o orgulho dos médicos, a alegria dos amigos.

Quanto à sua atuação na família, ao longo dos 97 anos vividos e sofridos, digo apenas que ela é a "Culher Forte do Evangelho."

Gostei do seu "!!!"

Infelizmente, depois de 1988, foi-se a lucidez plena. Vergulhada na névoa do passado, vive e fala dos acontecimentos da infância, da adolescência e da mocidade. Eudo sai fluentemente, mas só até aí. É interessante e curioso: os fatos são revividos com tal clareza, como se fosse um truque de câmara fotográfica — afasta a bruma e a nitidez aflora pura e viva. Também revive fatos do passado bem próximo ou mais próximo, qdo. vê pessoas amigas ou conterrâneas. Mas daí a contar histórias de Baraúba de sua época, não. Não sei por que; é verdade que, de certa forma, os hábitos e costumes vêm à baila ao evocar as festinha do colégio, aniversários ou festas da igreja. Com meu pai, "Oeu Tipo Inesquecível", seria diferente. Lembro-me bem: ele deliciava-se ao falar da Baraúba que ele conheceu. Política, como eram os donos de casas comerciais, o movimento da Aliança Liberal (nessa época ele era o tesoureiro da Prefeitura), como se votava, as fofoças de jornais etc. etc. Papai era espirituoso, objetivo, concreto. Ah! A história vai longe...

Cemo estar-lhe paulificando com estes comentários. São para justificar o não atendimento do " ! ? ! ". Uma coisa puxa outra e a tagarelice feminina corre pelo kico da pena.

Beço ao caro amigo que me devolva a foto de mamãe. É a do seu álbum de 97 anos.

Vê? Ela em nada se assemelha à AVÓ, de Olavo Bilac, não acha? "Tão cochila o dia inteiro", nem "na sua cadeira repousa pálida e fria". Lê bastante - "malgré la vue". Lê histórias de santos e outras leituras no gênero.

E aqui fico, lamentando eu também, não repressar-lhe histórias que talvez fossem ricas, de fato, naturalmente, à veracidade dos fatos.

Ao seu dispor, esperando que você desculpe tanta "falacção", firmo-me, atenciosamente,

Helena

Fortaleza, Segunda-feira, 16 de julho de 1984

A força de quem chega aos 90 anos com lucidez

Chegar aos 90 anos, hoje, é um fato digno de registro e alcançar os 90 anos de vida em plena lucidez e vitalidade merece mais do que um destaque. Dona Hermila Franco Ramos, a dona Miloca para familiares e amigos, é um dos exemplos raros de jovialidade, mesmo ao completar as nove décadas amanhã. Animada, ainda diz que "não quero morrer não, viu. Eu quero é ver minhas netas crescerem e me darem bisnetos."

No balanço da existência, dona Miloca entende que "os altos e baixos, as alegrias e sofrimentos, são enfrentados melhor quando se tem fé em Deus, quando se tem convicção religiosa". Profundamente cristã, ela é membro da ordem terceira secular franciscana, que se reúne na Paróquia do Coração de Jesus. Vai a missa pelo menos duas vezes por semana, sozinha, de táxi, na Igreja de São Vicente, a mais próxima de sua casa na Pontes Vieira.

DISPOSIÇÃO

Com 90 anos, a disposição é invejável tanto que agora, após 19 anos, volta a sua terra natal, Parnaíba, no Piauí, em caravana de ônibus, com as franciscanas. Assistirá as bodas de prata sacerdotais de frei Marcos de Queiroz e aproveitará para rever parentes e amigos e rezar no túmulo do marido, Raymundo Ramos Vieira, o Sinhozinho.

A vista é ainda boa, mas as pernas, com reumatismo, nem sempre lhe permitem que o corpo acompanhe as andanças da mente. Dona Miloca diz que "não sei estar parada, nem assistindo televisão. Por isso, o meu crochê é inseparável." É a cozinheira da família e só a custo os filhos a impedem de maiores extravagâncias, como a feijoadada. Mas ela não dispensa o cuscuz, o baião-de-dois e outras comidas porque "quanto mais pesada, melhor".

De sua pequena Parnaíba, desde quando nasceu há 17 de julho de 1894, guarda boas lembranças, como os estudos, o casamento e o nascimento dos onze filhos (nove são vivos). Depois, foi a mudança para Fortaleza, em 1966, a doença e a morte do marido, Sinhozinho, a saída dos filhos para o casamento e uma para a vida religiosa (ficaram três em sua companhia), e a dedicação à igreja.

Dona Miloca nem tem tempo de se sentir idosa porque são tantas as afazeres domésticos, a ocupação com



Dona Miloca: vitalidade aos 90 anos

poesias. Na cabeceira, o último livro lido: "A saga dos Kennedy", "que todos deveriam conhecer". Uma de suas frustrações foi não ter visto o papa João Paulo II de perto, no Castelão, como sonhou.

Dessa tristeza, dona Miloca recorda que "me preparei um longo tempo para a chegada do Papa. Fiz um mês de fisioterapia para suportar a espera de pé, subir os degraus. Comprei óculos novos, preparei um farnel reforçado. Com as meninas, saímos de madrugada, para enfrentar a multidão. Para meu desapontamento, quando chegamos ao portão, não deixaram mais entrar porque o Castelão estava cheio. Só vi o Papa de longe, na avenida. Afinal, ele é o representante de Cristo na terra, eu queria muito rezar com ele, estar

perto dele."

DOM DE DEUS

O segredo da juventude aos 90 anos é simples, diz dona Miloca. "Eu mesma me admiro porque aqui dentro gravo muita coisa, tenho memória boa. Eu só posso dizer que a vida longa é um dom de Deus. Como toda mãe que criou dez filhos, tive a minha luta, o meu peso, os bons e os maus momentos". Os filhos casados lhe deram 18 netos e estes 9 bisnetos. Além de franciscana secular, é membro do apostolado da oração, o que a leva à missa, toda primeira sexta-feira do mês, "um dia de festa, o do sagrado coração, lá na minha Parnaíba".

Nos momentos de folga, tocava violino, até que o instrumento desapareceu. Entre um filho e outro, também o tempo para a poesia e a leitura. Feliz com a entrevista, ela recita trechos de um poema escrito há 20 anos, para o filho, Antônio de Pádua, que deixava o lar para se casar com Lyz de Maria. Com voz firme, ela recita: "Meu benjamim, lindo cravo/flor de suave fragância/Pudesse eu, no momento, "De ti encurtar a distância"... "Contigo se foram todos, / A casa ficou vazia, / Abençoados por Deus/Com tão grande primazia"... e mais adiante concluiu "És mui bom, filho querido/Deus premiar-te quis, / Concedendo-te pressuroso, / A mimosa flor de Lyz."

Ainda consciente dos problemas atuais, dona Hermila fala que "hoje, o mundo se preocupa com a inflação, com o custo de vida alto, a vida está mais dura de atravessar, mas a gente termina se acostumando até com a inflação." Por fim, pede para citar os nomes dos filhos vivos: Hermila (religiosa), Paulo, Maria, Helena, José Maria, Maria José, Francisco, Antônio de Pádua e Maria Lídia.